
Comunicação popular e apropriação tecnológica: A experiência do projeto Alô Mulheres sob a perspectiva da folkcomunicação¹

Amanda Cristine Lima CRISSI²

Karina Janz WOITOWICZ³

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

RESUMO

Na atualidade, as comunidades periféricas imersas em condição de exclusão social podem fazer uso de grupos e comunidades para expressar sua realidade através de meios que envolvem sua coletividade. Baseados nesta premissa, apresentamos os resultados de quatro oficinas realizadas na Ocupação Ericson John Duarte, em Ponta Grossa (PR), através do projeto de extensão Alô Mulheres!. Fundamentadas nos conceitos de Folkcomunicação e Comunicação Comunitária, as oficinas ofereceram às participantes a oportunidade de aprender sobre fotografia, áudio, audiovisual e redes sociais utilizando seus celulares. Os resultados das oficinas demonstram que, mesmo em contextos de vulnerabilidade, é possível utilizar tecnologias acessíveis para a produção de conteúdos relevantes, resultando em um episódio de podcast e fotos e vídeos para as redes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Comunicação comunitária; Jornalismo. Mulheres.

INTRODUÇÃO

Desde março de 2023, a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) desenvolve o projeto de extensão "Alô Mulheres! O empoderamento de mulheres da ocupação Ericson John Duarte em Ponta Grossa via práticas sociais de comunicação na instrumentalização da garantia aos direitos humanos e do cumprimento de políticas públicas". Esta iniciativa, criada a partir do Programa Mulheres Paranaenses: Empoderamento e Liderança, com apoio da Fundação Araucária, integra os cursos de Jornalismo, Direito, Serviço Social e os programas de pós-graduação em Estudos da Linguagem e Jornalismo da UEPG, em parceria com o projeto Elos – Jornalismo, Direitos Humanos e Formação Cidadã, do curso de Jornalismo da UEPG, e o Movimento Popular de Luta (MPL) de Ponta Grossa.

A comunidade que compreende o projeto teve início com a ocupação de uma área urbana em Ponta Grossa em dezembro de 2021, que compreende atualmente cerca de 400

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Bolsista técnica do projeto Alô Mulheres! pela Fundação Araucária. Email: amanda.lcrissi@gmail.com

³ Professora Dra. do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual



Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Univali - 5 a 6/9/2024

de Ponta Grossa. Bolsista Produtividade de Pesquisa pelo CNPq. Coordenadora do projeto de extensão Alô Mulheres!
E-mail: karinajw@gmail.com

famílias. O nome dado à Ocupação – Ericson John Duarte - é uma homenagem a um jovem trabalhador que participou do movimento de luta por moradia e faleceu em decorrência da Covid-19.

Entre março e novembro de 2023, o projeto promoveu oficinas de produção de currículos, beleza e autocuidado, absorventes reutilizáveis, círculos de leitura, produção de cartoneras e rodas de conversa com gestantes. Em 2024, com o intuito de facilitar o acesso e o uso de tecnologias pelas mulheres da ocupação, foram planejadas quatro oficinas de comunicação comunitária. O objetivo dessas oficinas é fortalecer a participação das mulheres em iniciativas sociais e políticas, capacitando-as para a defesa de seus direitos e o cumprimento de políticas públicas (Peruzzo, 2004). Neste trabalho, relatamos o desenvolvimento e os resultados dessas oficinas, associando a experiência extensionista aos princípios da folkcomunicação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

As bases que fundamentam a experiência de comunicação descrita neste trabalho estão ancoradas no reconhecimento do protagonismo dos grupos e comunidades que expressam sua realidade por meios informais e horizontais (Beltrão, 2001). Por se tratar de uma comunidade periférica, em que se verifica a condição de exclusão social, o papel da comunicação dos marginalizados destaca-se ainda mais, conectando camadas distintas de desigualdades que envolvem a coletividade. De acordo com Peruzzo (2022), a categoria de “marginalizados”, que ancora a teoria da folkcomunicação, requer atualização à medida que assume diferentes fisionomias. Além da exploração de classe,

Somam-se ainda os antagonismos de diferentes matizes que pioram o quadro de conflitos e vulnerabilidade social de grandes contingentes populacionais. Refiro-me às discriminações de gênero, étnicas, ideológicas, de procedência geográfica, cor da pele, formação, religião, condição socioeconômica etc. que culminam na intolerância e desrespeito a direitos já garantidos pela Constituição Brasileira de 1988. (Peruzzo, 2022, p. 182)

Em um contexto de exclusão econômica e social, perpassado pela crescente incorporação das tecnologias no cotidiano, entende-se que o uso de um dispositivo como o celular é capaz de servir como ferramenta de empoderamento para a comunidade. Diante desta constatação, as ações do projeto Alô Mulheres estiveram voltadas à necessidade de construir narrativas capazes de promover a autorrepresentação e fortalecer a luta coletiva dos(as) moradores(as) da ocupação, sobretudo as mulheres.

Apoiadas nos conceitos de Folkcomunicação (Beltrão, 2001) e Comunicação Comunitária (Peruzzo, 2004), as oficinas foram projetadas para abranger aspectos fundamentais da comunicação, como fotografia, áudio, vídeo e compartilhamento. Esse conjunto de atividades visava proporcionar às participantes uma compreensão básica desses elementos e sua aplicação na comunicação comunitária. Com o intuito de estreitar laços com a comunidade, as oficinas foram programadas para ocorrer semanalmente às sextas-feiras.

Para divulgar a iniciativa, panfletos foram confeccionados e distribuídos pela equipe nas ruas e nas casas da Ocupação uma semana antes da primeira oficina. Durante a distribuição, os moradores recebiam explicações sobre o funcionamento e o conteúdo das oficinas. Embora o projeto de extensão fosse voltado principalmente para mulheres, a participação foi aberta a toda a comunidade. Considerando que muitas das participantes eram mães, foram oferecidas atividades paralelas para as crianças, permitindo que as mulheres participassem das oficinas com tranquilidade. Ao final de cada encontro, um lanche era disponibilizado, promovendo um momento de partilha e maior integração entre a equipe e as participantes.

PRINCIPAIS RESULTADOS

A primeira oficina, realizada em 3 de maio de 2024, abordou a fotografia. Nessa atividade, uma exposição foi preparada para apresentar os conceitos de enquadramento, iluminação, foco, perspectiva e composição de cena. Inicialmente, três mulheres participaram, posicionadas em filas de carteiras no espaço da oficina; na sequência, outras duas mulheres se juntaram ao grupo e receberam orientações das próprias participantes sobre as técnicas. Um projetor e slides com fotografias exemplificaram os conceitos mencionados. Durante a apresentação, as participantes foram convidadas a utilizar as câmeras dos celulares para testar as técnicas, o que aumentou o interesse em aplicar esses conceitos na prática fotográfica. Apesar do interesse e participação das mulheres na atividade, percebeu-se um distanciamento entre a equipe que estava ministrando a oficina e as participantes. Assim, uma nova abordagem foi pensada para a segunda oficina.

Realizada em 10 de maio de 2024, a oficina de áudio adotou uma metodologia diferente para exposição do conteúdo. Com as cadeiras dispostas em círculo e fundamentada na troca oral de experiências, a atividade começou retomando os conceitos de fotografia apresentados na semana anterior e, ao passar para o áudio, a oficina iniciou

questionando as cinco participantes sobre a utilidade das gravações de áudio no dia a dia. A partir desses relatos, a equipe apresentou dicas sobre captação de áudio utilizando aplicativos de celular e técnicas para gravações ambientais com menos ruído. Também foi demonstrado que o gravador do celular permite pausas durante a gravação, oferecendo uma alternativa à edição, que exigiria o uso de outro aplicativo.

Para aplicar os conhecimentos na prática e explorar o conceito de comunicação comunitária, as participantes foram incentivadas a pensar em um produto de áudio. A equipe apresentou exemplos como podcasts, programas de denúncias, entrevistas ou entretenimento. Em consonância com a natureza participativa e voltada para a mudança social da comunicação comunitária (Peruzzo, 2004, p.155), as participantes identificaram um problema na comunidade, o acúmulo de lixo, e decidiram criar um podcast de entrevistas, nomeado Ocupacast, para abordar os problemas da Ocupação e divulgá-lo na comunidade.

Duas participantes, com o auxílio da equipe do projeto, desenvolveram um pequeno roteiro de entrevistas, bem como a abertura e o fechamento para o Ocupacast. Uma atuou como entrevistadora e a outra como entrevistada convidada. Posteriormente, o áudio foi editado pela equipe para incluir trilha sonora e distribuído nos grupos de Whatsapp da Ocupação. A partir desta experiência, verificou-se que a alteração na metodologia das oficinas proporcionou uma maior interação com as participantes.

A oficina de audiovisual foi realizada no dia 17 de maio de 2024, com a participação de seis mulheres. Como três delas estavam participando pela primeira vez, a equipe revisou as explicações das oficinas anteriores para integrá-las plenamente nas atividades. Conceitos previamente abordados na oficina de fotografia, como enquadramento, foco e iluminação, foram também aplicados na produção de vídeos.

Seguindo uma metodologia de troca de experiências, as participantes foram questionadas sobre o uso de vídeos em seu cotidiano e os objetivos para os quais utilizavam esse formato, destacando-se o compartilhamento de conteúdo nas redes sociais e o registro de momentos familiares. A equipe apresentou movimentos básicos de cinematografia, como panorâmica, tilt, pedestal e dolly. Assim como na oficina de fotografia, as participantes foram incentivadas a abrir a câmera do celular e testar esses movimentos durante a oficina.

Na etapa de produção, as participantes foram convidadas a conceber um vídeo para redes sociais. Uma das mulheres sugeriu gravar um vídeo para divulgar a oficina da

semana seguinte. Inspiradas pelo Ocupacast, as próprias participantes decidiram como o conteúdo seria narrado e montado. Em um esforço para aplicar os conceitos aprendidos nas semanas anteriores, cada participante filmou e foi filmada por uma colega, lembrando-se de noções de enquadramento e dicas de captação de áudio em ambientes externos. Posteriormente, o material foi editado pela equipe e divulgado nas redes sociais.

A última oficina proposta ocorreu em 7 de junho de 2024 e contou com a maior participação até o momento, reunindo 10 mulheres. Durante a roda de conversa inicial, a equipe questionou as participantes sobre suas lembranças das oficinas anteriores e se haviam aplicado o aprendizado no cotidiano. Muitas relataram melhorias na forma como tiram fotos e captam vídeos. No entanto, destacaram especialmente o uso das técnicas adquiridas dois dias antes, durante um evento de assinatura do termo de cessão de uso do terreno da Ocupação – que pertence à Prefeitura de Ponta Grossa –, que contou com a presença da prefeita do município. As mulheres registraram as falas dos participantes do evento, buscando preservar a memória de um momento significativo para a comunidade. Peruzzo (2004) destaca que a comunicação popular é um processo intrínseco à dinâmica dos movimentos populares, adaptando-se às suas necessidades. Nesse contexto, é relevante observar que as mulheres compreenderam as ferramentas de mídia como instrumentos para a luta pela mudança social.

Com esse gancho, a oficina sobre redes sociais enfatizou a importância de os(as) moradores(as) da Ocupação documentarem em suas redes sociais um momento histórico pelo qual as famílias haviam lutado. As participantes também destacaram a relevância de gravar e postar nas redes sociais a fala da prefeita, que reconheceu o uso do terreno pelos moradores, possibilitando o avanço em um projeto de habitação social.

Em seguida, as participantes foram questionadas sobre suas relações com as redes sociais e mencionaram estar presentes no Instagram, TikTok, Facebook, WhatsApp e YouTube. Relataram utilizar essas plataformas para consumo de notícias, troca de informações em grupos no WhatsApp, compra e venda de produtos em grupos e no Facebook, além do entretenimento. Com base na troca de experiências, a equipe ofereceu dicas sobre como explorar ferramentas de edição de áudios, vídeos e fotos nas redes.

Durante a oficina, todas as mulheres foram convidadas a participar da captação de fotos e vídeos, em uma espécie de “cobertura” do evento, que posteriormente seria postada nas redes sociais como forma de divulgação. A proposta foi bem recebida, e as participantes produziram o material utilizando todas as técnicas aprendidas nos encontros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As oficinas realizadas na Ocupação Ericson John Duarte oportunizaram a promoção da comunicação comunitária e o empoderamento das participantes. Ao abordar conceitos da Folkcomunicação e a Comunicação Comunitária, as oficinas proporcionaram às mulheres ferramentas práticas para a expressão de suas vozes e para a articulação de suas demandas por meio de diversas mídias, como fotografia, áudio, audiovisual e redes sociais.

Os resultados das oficinas demonstram que, mesmo em contextos de vulnerabilidade, é possível utilizar tecnologias acessíveis, como os celulares, para a produção de conteúdos relevantes. A criação do podcast Ocupacast e a produção de fotos e vídeos para as redes sociais são exemplos concretos de como as participantes aplicaram os conhecimentos adquiridos para tratar de questões importantes para a comunidade e para documentar momentos significativos, como a assinatura do termo de uso do terreno.

A metodologia adotada, que priorizou a troca de experiências e a participação ativa das mulheres, mostrou-se eficaz para aproximar a equipe das participantes e promover um ambiente colaborativo e de aprendizado mútuo. A adaptação das abordagens de ensino, conforme as necessidades e feedbacks das participantes, foi fundamental para o sucesso das oficinas e para o fortalecimento dos laços comunitários.

Além disso, a inclusão de atividades paralelas para as crianças permitiu que mais mulheres pudessem participar, demonstrando a importância de considerar as realidades e responsabilidades das participantes ao planejar atividades comunitárias. Ademais, a continuidade e expansão de projetos de extensão que entrelaçam universidade e comunidade se mostram significativos para a formação de indivíduos mais conscientes e ativos na defesa de seus direitos e na busca por melhorias para suas comunidades.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação**: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação, de fatos e de expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 2004.

PERUZZO, C. M. K. Culturas Populares na folkcomunicação e na Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa: da decodificação mediática à resistência política. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 20, n. 44, p. 174–203, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/20838>. Acesso em: 26 jun. 2024.